

MULHERES COM PAPEL DUPLO: MÃE E PAI

Guerreiras da vida!

n EVELINA MUCHANGA

A COMERCIANTE Leonor Vicente vive no bairro da Urbanização e a vendedeira Amélia Siteo no Maxaquene, cidade de Maputo.

ARQUIVO



É à "madrugada" que algumas mulheres levam produtos ao mercado

Embora não se conheçam, as duas têm em comum o facto de que são mães solteiras de pouca posse financeira,

mas não dormem sem antes conseguir algo para o sustento da família. São consideradas

pelos vizinhos e estruturas locais exemplo a seguir em situação de não ter com quem

partilhar as despesas. Com nível de escolaridade baixo, estas duas mulheres não se rendem

à pobreza. Se pudessem, tal como disseram, aumentariam as horas do dia para trabalha-

rem mais.

A história de Amélia, 33 anos, ou Conceição, tal como é conhecida no bairro, começa quando engravidada e abandona a escola aos 16 anos. Órfã de pai, a jovem vivia com a mãe e irmãos. Teve que ir ao lar. Contudo, a convivência com o pai do filho durou cerca de três anos.

"Era uma relação conturbada. Terminei e voltei para a casa dos meus pais, mas já estava grávida do segundo filho. Não fiz aborto, segui com a gravidez ciente das dificuldades que ia enfrentar para cuidar das crianças sem ajuda do pai", assumiu.

Na casa da mãe, Conceição teve de aprender a trabalhar para cuidar dos filhos. Assistia a mãe no negócio de venda de pão. Pouco a pouco foi juntando o dinheiro que ganhava.

"Era muito pouco, mas consegui uns 100 meticais. Comprei alguns pães, revendi por conta própria. Com o tempo aprendi a fazer bolinhos de coco. Vi nisto uma oportunidade de negócio. É daí que comecei a fazer e vender bolinhos. Já passam 12 anos que desenvolvo a actividade".

C. BERNARDO



Assumi o desafio de ser mãe e pai para os meus filhos, Conceição Siteo

Vender bolinhos parece tarefa fácil, mas não, requer atitude e disciplina, afirma a jovem.

"Os clientes sabem que até uma determinada hora o pro-

duto está pronto. E tem que ser assim, procuro não falhar. Até às 14 horas já estou na rua, com o meu fogão a carvão a fritar os bolinhos", disse.

Sumido há 20 anos

LEONOR Vicente é mãe e pai de seis filhos desde que o marido partiu há 20 anos para a "terra do rand", África do Sul, à busca de melhores condições de vida. Deixou a família numa casa



MATSHIHE

Assumir a família

A MÃE de Conceição ficou impossibilitada de continuar a vender pão por questões de saúde e ela teve que assumir a família constituída por oito pessoas, entre irmão, sobrinhos, mãe e filhos.

É da venda de bolinhos que esta jovem mulher alimenta a todos e paga as despesas da escola. Alguns irmãos já estão a fazer curso superior, outros ainda estão no nível básico ou primário.

"Luto para que os meus filhos e irmãos não

à noite, mas viu que não estava a dar certo porque já não conseguia vender bolinhos suficientes para alimentar a família.

"Anulei a matrícula. Tenho que vender bolinhos até às 22 horas para preservar e garantir um futuro melhor para os meus filhos que é continuar a estudar e concluir o ensino superior", sonha.

Hoje, Conceição sente-se feliz, embora não totalmente porque falta ampliar o negócio e ter casa

Sumido há 20 anos

LEONOR Vicente é mãe e pai de seis filhos desde que o marido partiu há 20 anos para a "terra do rand", África do Sul, à busca de melhores condições de vida. Deixou a família numa casa de construção precária, no bairro da Urbanização, na cidade de Maputo.

Colocar a comida na mesa tem sido uma batalha diária para esta mulher de 54 anos. Acorda ao raiar do sol, prepara a mbenga (alguidar) para fazer pastéis de feijão nhemba (badjias). Até às 6 horas e trinta minutos o produto já deve estar na rua e fábricas próximas onde tem os seus maiores clientes.

Para além de badjias, Leonor vende verduras numa banca instalada a cinco metros da sua casa. Para dar conta do negócio, ela conta com o apoio dos filhos. Enquanto vende verduras e pastéis na rua, os filhos levam-nos às fábricas.

"É assim como conseguimos sobreviver. Felizmente, não tenho filhos com comportamento desviado por causa da fome. Não consegui dar muito em termos materiais, mas dei o básico. Alguns estão ainda na escola, outros já começaram a trabalhar e a contribuir para o sustento da família. Juntos construímos a nossa casa de bloco e cimento", anima-se.

Leonor podia ter tido outro marido, mas achou que devia ficar sozinha a cuidar dos filhos. "Aceitei a minha realidade e aquilo que Deus me deu. Não tenho notícias do pai das crianças. Não sei se está vivo ainda. Desde que foi em 1997 não deu notícias até hoje. Não tenho esperanças", disse, lembrando que quando o marido estava em Moçambique cuidou bem da família.



Leonor não tem notícias do pai dos filhos há 20 anos

Conjuntura social na origem da opção

HISTÓRIAS de vida de mulheres que rompem os paradigmas da sociedade e se tornam mães com

o papel duplo são inúmeras no país. Algumas, tal como Amélia, preferem seguir sozinhas nos

cuidados dos filhos porque tiveram relacionamentos amorosos que não evoluíram por diversas razões, algumas das quais a violência.

Este é o entendimento de Madalena Domingos, presidente da Associação de Vítimas de Violência Doméstica. Opinou que a mulher não escolhe de forma deliberada seguir a vida de solteira. "A vida é que a obriga", reforçou.

Para sustentar a sua idela, Madalena tomou como exemplo a sua experiência de vida. "Tive o primeiro casamento que não deu certo porque era vítima de violência física, no segundo sofria a psicológica. Não quis insistir mais e decidi seguir a minha vida, solteira", referiu.

Madalena assume não ser fácil desempenhar o papel duplo de mãe e pai na educação dos filhos, mas entende que antes disso que insistir numa relação conturbada para evitar o pior.

"A violência pode culminar em mortes e é o pior exemplo que as crianças devem ter. Antes que seja tarde, melhor é preservar a vida, a tranquilidade espiritual e o bem-estar de todos", aconselhou.

Na sua opinião, as mulheres que se encontram nesta situação são guerreiras que mostram toda a sua força para criar os filhos, por isso, entende que elas merecem apoio e não discriminação como têm sido alvo na sociedade.

Assumir a família

A MÃE de Conceição ficou impossibilitada de continuar a vender pão por questões de saúde e ela teve que assumir a família constituída por oito pessoas, entre irmão, sobrinhos, mãe e filhos.

É da venda de bolinhos que esta jovem mulher alimenta a todos e paga as despesas da escola. Alguns irmãos já estão a fazer curso superior, outros ainda estão no nível básico ou primário.

"Luto para que os meus filhos e irmãos não percam a escola. Eu não tive a mesma sorte. Por isso, trabalho dia e noite para que não falte comida, cadernos e transporte para eles", disse.

Conceição conta que ainda tentou voltar à escola

à noite, mas viu que não estava a dar certo porque já não conseguia vender bolinhos suficientes para alimentar a família.

"Anulei a matrícula. Tenho que vender bolinhos até às 22 horas para preservar e garantir um futuro melhor para os meus filhos que é continuar a estudar e concluir o ensino superior", sonha.

Hoje, Conceição sente-se feliz, embora não totalmente porque falta ampliar o negócio e ter casa própria. "Os meus filhos estão a crescer. Estou a conseguir ser mãe e pai deles. O mais velho vai completar 17 anos e o segundo 14. Ambos vão bem na escola. Não dormem com fome", comemora.

Há que ser honesto...

-opinião de Dom Dinis Sengulane

OPINIÃO similar tem o Bispo emérito da Diocese dos Libombos, Dom Dinis Sengulane que entende que algumas pessoas são forçadas a levar uma vida de solteiro pelas circunstâncias ou dificuldades da vida, outras nem se quer querem experimentar porque ouviram experiências de traumas de algumas pessoas casadas.

"Há pessoas que se sentem

chamadas para a vida solteira. É uma questão de fé. Contudo, já vi pessoas que, infelizmente, porque ouviram histórias traumáticas de pessoas casadas acabam ficando tão traumatizadas que dizem que eu não quero me meter neste tipo de vida (casamento).

Contudo, baseando-se nas escrituras bíblicas, o bispo emérito referiu que se a pessoa se sente chamada à vida solteira é viver

essa vida como tal. O mesmo serve para quem cuja vocação é ter uma vida conjugal.

"A pessoa tem que ser honesta. Viva solteira se assim preferir. Se não quer ficar solteira, convém de facto procurar algum parceiro para casar, mas tudo tem que ser feito com liberdade. Nunca deve se sentir obrigada a casar nem obrigar o outro a se casar. É preciso amar o parceiro", aconselhou.



Parte de bolinhos que Conceição Siteo vende para sustentar a sua família

VIDA SAUDÁVEL

A Candidíase

A CANDIDÍASE é uma infecção causada pelo fungo Candida, geralmente Candida albicans. Pode afectar a pele, unhas, órgãos genitais, garganta, corrente sanguínea e boca. Apesar de maior número de casos em mulheres, também existem casos de candidíase no homem.

Causas

O principal causador da candidíase vaginal é o fungo Candida albicans. Esse fungo já existe em pequenas quantidades no organismo da mulher e vive em equilíbrio com a flora vaginal. No entanto, alguns factores podem levar ao seu desequilíbrio no organismo, fazendo com que o fungo se reproduza e cause sintomas.

Factores de risco

Os factores de riscos são diversos entre os quais, o uso de antibióticos, aumento dos níveis de estrogénio, consumo excessivo de doces e carboidratos em geral, sexo sem protecção e

o uso de roupas húmidas, sobretudo a interior.

Sintomas

A candidíase vaginal costuma causar principalmente um corrimento esbranquiçado,coceira, dor e vermelhidão nos genitais. O Corrimento vaginal geralmente é branco e agrupado, parecido com leite coalhado. Pode se manifestar também através de relações sexuais dolorosas.

Tratamento de Candidíase

O tratamento da candidíase vaginal normalmente consiste no uso de pomadas antifúngicas ou medicamentos antimicóticos de uso local. Em casos de candidíase vaginal recorrente, o médico pode indicar medicamentos orais para que o quadro não retorne. Além disso, mudança na alimentação pode ajudar a minimizar o problema.

Fonte: <http://www.minhavidacombr.com.br>